

AVA DELLAIRA

aos  
dezesete  
anos



Tradução

LÍGIA AZEVEDO



**SÊQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2018 by Ava Dellaira

Publicado mediante acordo com Farrar Straus Giroux Books for Young Readers, um selo do Macmillan Publishing Group, LLC. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL In Search of Us

CAPA Tereza Bettinardi

IMAGENS DE CAPA (GAROTA) Westend61/ Getty Images; (PÁSSARO) Paul Tessier/ Shutterstock

PREPARAÇÃO Julia Barreto

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Borges Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dellaira, Ava

Aos dezessete anos / Ava Dellaira ; tradução Lígia Azevedo. —  
1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

Título original: In Search of Us.  
ISBN 978-85-5534-067-3

1. Amor — Ficção 2. Mães e Filhos — Ficção 3. Ficção norte-  
-americana I. Título.

18-12597

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

*Para o meu marido, Doug Hall*



## PRÓLOGO

*Por trás de cada homem vivo há hoje trinta fantasmas, já que é nessa proporção que os mortos superam os vivos.*

*Arthur C. Clarke, 2001: Uma odisseia no espaço*

OS VIVOS ESTÃO ALCANÇANDO OS MORTOS. Quando Arthur C. Clarke escreveu a respeito, em 1968, eles nos superavam numa proporção de trinta para um. Mas nos multiplicamos tão rápido que agora só há quinze fantasmas para cada um de nós. Angie sabe a estatística: há mais de sete bilhões de pessoas na Terra, enquanto outras cento e sete bilhões já passaram por ela.

O pai de Angie é um dos mortos, ou pelo menos era o que ela achava. Com frequência o havia imaginado ao seu lado, liderando sua pequena tribo de fantasmas, todos os quinze. Imaginava-o como na fotografia com sua mãe. Na imagem, ele parece ter a mesma idade de Angie: dezessete. O sorriso amplo e reluzente, a pele escura e os dentes brancos, o corpo alto e musculoso. Ele usa um boné virado para trás, como um nerd dos anos 90, Angie pensa. Na foto, o pai e a mãe, Marilyn, estão no calçadão da praia. A mãe está usando um maca-

cão jeans por cima do biquíni, os brincos de argola cintilando, o cabelo dourado comprido caindo sobre o rosto pálido. Ela se apoia nele como se aquele fosse seu lugar, a cabeça jogada para trás numa risada, o braço dele envolvendo seus ombros. Toda aquela água azul no fundo, estendendo-se até encontrar o céu.

Faz um ano que Angie descobriu a foto, enquanto se arrumava para o jantar de aniversário de dezesseis anos de Sam Stone. Revirava as gavetas da mãe, que estava no trabalho, em busca de um batom, e em algum momento a busca evoluiu para outro nível. Ela se viu à procura, embora não soubesse exatamente do quê. Então, no fundo da gaveta de calcinhas, encontrou uma caixa de madeira. Dentro havia um envelope de papel pardo cheio e lacrado. Embaixo, a foto.

Angie olhou para o garoto negro sorridente que a encarava. Embora nunca o tivesse visto antes, soube instantaneamente que era seu pai. Por uma fração de segundo, se perguntou com quem ele estava. Então se deu conta de que a garota era sua mãe, claro. Marilyn parecia tão despreocupada. Jovem. Com um mundo de possibilidades à frente. Feliz.

De repente Angie sentiu um aperto no peito. Queria arrancar o garoto da foto. Fazer com que se tornasse um homem, seu pai. Que fizesse sua mãe sorrir daquele jeito de novo.

Em vez disso, ela tentou se incluir na foto — imaginar como seria estar lá com eles, qual seria a sensação do sol, o cheiro do mar. E, embora nunca tivesse ido à praia, quase podia ouvir o som distante das ondas sob as risadas felizes.

Angie tem mais um ano de ensino médio pela frente, depois vem o Futuro. Não tem ideia do que quer “fazer da vida”, de qual é seu lugar ou de como vai compensar todo o sacrifício que sua mãe fez por ela. Quando tem dificuldade para respirar, com o peito apertado, a ansiedade inominável e incerta, Angie pensa nos sete bilhões de pessoas (e contando) que vivem na Terra. O número descomunal alivia o pânico, e ela se sente mais leve, com aquela tontura de quem riu demais, ficou acordado até tarde, ou ambos. Ela é menor que uma gota no oceano. Que importância tem o que uma garota — Angela Miller — faz com a própria vida?

Ela se considera mediana, discreta: gosta de história e ciências (principalmente biologia), correr, sanduíche de queijo com as bordas queimadas, futebol, café com chantili de leite de soja, LPs, escutar hip-hop no último volume na privacidade de seus fones de ouvido. Anda armada com listas como essa, que serão usadas sempre que necessário, com a intenção de dar uma descrição predefinida e tênue de “si mesma”, quem quer que seja. Angie aprendeu diligentemente a controlar o sentimento que espreita dentro dela, ameaçando vir à tona. Mas hoje tudo vai mudar.

Agora Angie segura a foto dos pais enquanto ouve Janet Jackson cantar “I Get Lonely” em um walkman que encontrou num brechó por dois dólares e noventa e nove. É uma



fita gravada, com a inscrição PARA A SRTA. MARI MACK, COM AMOR, JAMES em caneta azul desbotada. O sol da manhã já está ficando forte demais, penetrante, obrigando Angie a ir para a parte sombreada da varanda. Fios de algodão flutuam no ar quente, acumulando-se nas calhas como uma neve de verão. À frente dela há uma mala com camisetas, meias, calcinhas, sutiãs e seus dois vestidos favoritos, cuidadosamente dobrados, assim como o envelope que achou na gaveta da mãe e os contatos de todos os Justin Bell entre os vinte e quatro e os trinta e cinco anos, ou de idade desconhecida, e que moram em Los Angeles. Faz quase uma hora que Marilyn saiu para trabalhar. Quando voltar, vai descobrir que a filha foi embora.

Angie mora nessa casa desde o dia em que a mãe a pegou na escola, quando estava no quinto ano, e disse que tinha uma surpresa.

— O que é? — Angie perguntou quando Marilyn não entregou nenhum dos presentinhos recorrentes: chocolate, balas, um livro ou uma nova caixa de lápis de cor.

— Você vai ver — a mãe respondeu. — É a melhor surpresa de todas.

Ela pegou a estrada e dirigiu até o centro velho de Albuquerque, uma parte da cidade que só tinham visitado quando Angie quis ir no museu de história natural. Iriam lá de novo? Não, Marilyn continuou dirigindo pelas ruas com choupos enormes e casas cobertas de hera. Então, quando chegaram aos limites do bairro e as casas começaram a ficar menores — de

adobe, com jardins bem cuidados —, ela estacionou numa garagem. A casa em questão era baixa e larga, com telhado azul.

Angie virou para a mãe.

— Vem! — Marilyn encorajou, animada como uma criança.

Angie seguiu a mãe, que se atrapalhava com as chaves, até a porta da frente. De quem era aquela casa?

Quando a fechadura abriu, Marilyn olhou para a filha e disse:

— Vai, entra! É nossa.

Angie só tinha dez anos, mas compreendeu que sua mãe estava lhe dando algo que ela própria nunca havia tido: uma casa onde crescer. As duas a pintaram juntas: azul na sala, amarelo na cozinha, verde-água no quarto de Angie.

Ela sempre amou as paredes grossas que mantinham o frescor dos cômodos nas manhãs de verão, as arcadas, o velho sofá estampado onde ficavam vendo comédias românticas até tarde no fim de semana, comendo pipoca com parmesão ou chupando picolés.

Quando pequena, Angie acreditava que tinha o tipo de mãe que as outras crianças deveriam invejar — Marilyn mandava os melhores lanches, com sanduíches cuidadosamente cortados em triângulos, e fazia os melhores brownies para as feiras da escola. Nas manhãs em que Angie não queria sair da cama, Marilyn colocava “Dancing in the Street” no último volume e as duas corriam pela casa de pijama, rindo. A mãe decorava a casa para qualquer feriado, incluindo Ano-Novo

e Halloween. No Quatro de Julho, fazia cachorros-quentes e cupcakes com as cores da bandeira americana, comprava estrelinhas e, quando ficava escuro, as duas as acendiam no jardim e escreviam seus nomes no ar. Na época, Angie não achava estranho que fossem só as duas. Que não fossem convidadas para churrascos. Que quando Marilyn a deixava na casa de outras crianças nunca entrava para socializar com as mães, que às vezes falavam com ela num tom condescendente. Que nas reuniões de pais da escola Montezuma Marilyn era de longe a mais nova e, embora Angie notasse que alguns pais tentavam se aproximar, sua mãe sempre se afastava para procurá-la. Quando Marilyn terminou com Manny — o primeiro (e único) homem a ir jantar na casa delas —, Angie aprendeu a aceitar a perda.

Desde que Angie era pequena, Marilyn dizia que a filha era seu amor, sua luz, sua razão de viver. Seu anjinho precioso. Mas, às vezes, quando achava que Angie estava distraída com um livro de colorir ou com a televisão, a menina a via olhando pela janela, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

O jipe de Sam vira a esquina e estaciona. Angie desliga o walkman e tira os fones dos ouvidos. Pensa na mãe voltando à noite e encontrando a casa vazia e quase dá meia-volta. Mas então pega a mala e vai até o carro.

Sam usa uma camiseta branca amarrotada, bermuda de moletom e óculos escuros espelhados estilo aviador. É alto e magro, e seu cabelo está bagunçado como sempre.

— Oi — Angie diz, desejando que pudesse ver os olhos dele.

Sam assente de leve em cumprimento, pega a mala e joga no banco de trás. Angie entra no carro, que cheira vagamente a maconha e parece acumular embalagens de comida de inúmeras semanas. A Cherokee dos anos 90 que Sam chama de Mabel solta um ruído desanimador quando ele dá a partida.

Sam aumenta o volume do rádio e dirige em silêncio. Angie olha de relance para sua casa desaparecendo à distância, depois baixa os olhos para a garota na foto com seu pai. A que devia ter acelerado pela noite com as janelas abertas e a música alta, sentindo o cheiro do mar, a que devia conhecer a sensação de liberdade, do ar entrando nos pulmões, da vida, uma nova vida, prestes a começar. A que devia saber como se apaixonar nos aproxima do mundo, como se tudo estivesse ao nosso alcance. Ou pelo menos é o que Angie imagina.

Marilyn 

18 ANOS ANTES

MARILYN FAZ DEZESSETE ANOS HOJE. Ela encara seus próprios olhos refletidos na janela do carro, sobrepostos ao homem na esquina vestindo uma placa de COMPRO OURO e uma mulher empurrando um carrinho de compras cheio de garrafas tinindo. Elas passam por um posto, de onde um bando de garotos com boné para trás sai, carregando cigarros e refrigerantes. Suas coxas grudam no assento, e Marilyn sente o suor escorrendo pela nuca. A típica onda de calor do fim do verão de Los Angeles chegou. Deve estar pelo menos trinta e sete graus, e o Buick anos 80 lotado de caixas está com o ar-condicionado quebrado.

— É temporário — sua mãe, Sylvie, diz. — Até o próximo trabalho. Sua reunião com a agência é daqui a algumas semanas.

Marilyn assente, sem virar para a mãe.

Seu último teste (em que devia ser a filha de uma família

querendo comprar uma televisão) tinha sido um desastre completo. Ela sabia o que estava em jogo e, a manhã toda, sentada na sala de espera com as outras garotas, sentira-se enjoada, com o peito apertado. Tentara se concentrar no livro que tinha levado — *O álbum branco*, de Joan Didion —, mas emperrara no primeiro parágrafo, incapaz de focar, relendo a frase de abertura: “Contamos histórias a nós mesmos para viver”. Quando ficou diante da câmera, mal conseguia respirar.

A mãe foi buscá-la e Marilyn não mencionou o pânico, a tontura ou a assistente que lhe levava um copo de água e lançara um olhar de “ai meu Deus” ao diretor do outro lado da sala. Marilyn suportou o olhar de profunda decepção de Sylvie, com as sobrancelhas arqueadas em tensão, quando, uma semana depois, o jantar (comida congelada) foi interrompido pela notícia de que, mais uma vez, ela não tinha passado. Sylvie desligou o telefone e olhou pela janela, para a piscina e suas espreguiçadeiras de plástico. Marilyn empurrou um pedaço de brócolis murcho com o garfo.

Depois de um longo silêncio, Sylvie se serviu de uma terceira taça de vinho branco e virou para a filha.

— Este lugar é péssimo. Andei pensando em mudar para mais perto de Hollywood, onde tudo acontece — ela disse, animada. — Quem sabe? Você pode encontrar um diretor de elenco no supermercado.

Como se não estivessem fugindo do apartamento cujo aluguel não pagavam fazia meses.

Marilyn sabe que a mãe deixaria que estampassem sua

bunda numa foto (como a da garota na propaganda de jeans no outdoor da estrada) se isso significasse dinheiro para se instalarem numa casa nova e resplandecente nas colinas no alto da cidade, acima de tudo, onde Sylvie acredita que deveriam estar. A mãe parece achar que há uma vida nova e melhor logo depois da esquina, a porta giratória para um futuro a um passo de distância.

Quando pequena, talvez Marilyn acreditasse nos sonhos de Sylvie, mas agora ela desistiu de embarcar em suas fantasias. Agarra-se firme ao pensamento de que só falta um ano para fazer dezoito, ir para a faculdade e ter vida própria. Ela vê o futuro como um diamante no fim do túnel. Aprendeu a focar nele, lutar para alcançá-lo, mantê-lo em mente.

Um carro buzina para Sylvie. Ela está segurando o trânsito para virar à esquerda no Washington Boulevard. Marilyn absorve as ruas queimadas pelo sol, o cheiro de carne da barraquinha de tacos misturado ao leve cheiro de mar, as flores coloridas crescendo pela cerca.

Sylvie ignora a buzina e entra com o Buick na South Gracery Place. Marilyn reconhece vagamente a rua residencial cheia de prédios em ruínas. PREÇO NEGOCIÁVEL, anuncia uma placa. Ela nota uma floreira vermelha em uma janela, um varal com as roupas balançando como bandeiras. Um homem está recostado no prédio abaixo, fumando.

— Olha, Marilyn. Dá pra ver o letreiro daqui.

O carro sai da pista enquanto Sylvie vira para apontar para



as letras brancas na montanha ao longe, H-O-L-L-Y-W-O-O-D, imponentes através da névoa que vem com o calor do verão.

— Hum-hum.

Marilyn faz o melhor que pode para ignorar o terror crescendo no peito enquanto avançam pela rua e param no número 1814 — um prédio de esquina de dois andares, com o reboco rosa se desfazendo e um jardim malcuidado, onde algumas laranjeiras sobrevivem bravamente.

A voz de Lauryn Hill ressoa do rádio no apartamento de baixo: “*How you gonna win...*”. Sylvie pega a chave debaixo do tapetinho, os cachos de seu cabelo tingido de loiro soltos apesar do calor, grudando nas bochechas pálidas. Quando entram, o cheiro familiar faz Marilyn voltar no tempo — uma estranha mistura de cigarro, desinfetante e carne cozida.

Móveis estão espalhados aleatoriamente pela sala — o sofá quase encostando na parede, a mesinha de centro torta em relação a ele, com um pote de balas em cima cheio de embalagens vazias. O sol de fim de tarde entra pelas janelas gradeadas, criando padrões no tapete.

Por um momento, as duas só ficam ali em pé.

— Bom, poderia ser pior — Sylvie diz, com uma animação forçada. Marilyn queria que, de alguma maneira, tivesse se saído melhor. Que tivesse conseguido só mais um comercial, só mais um sucesso, para não terem que ficar ali.

No quartinho que é dela novamente, Marilyn abre as janelas, deixando o ar quente entrar. Já passa das cinco, mas o calor